



PRINCÍPIOS ESSENCIAIS NA OBRA FREIRIANA E A EDUCAÇÃO INTER-ÉTNICA DA EMANCIPAÇÃO E HUMANIZAÇÃO

Ernesto Jacob Keim– FURB
Agência financiadora: CAPES

Resumo: Esse texto gerado a partir de uma pesquisa de natureza pós-doutoral, traz uma síntese da proposta educacional de Paulo Freire ao apontar sete aspectos que nesse texto são nominados como Princípios Essenciais da Emancipação e Humanização. São aspectos que possibilitam uma organização educativa que tenha natureza inter-étnica conforme os pressupostos de libertação e autonomia propostos por Freire. Se trata de um conjunto organizado de reflexões que podem ser utilizados para pensar educação na diversidade e pluralidade decorrente do contexto civilizatório vigente, em favor da autonomia e da libertação que mostram como se pode desenvolver emancipação e humanização.

Palavras chave: Educação e emancipação; Emancipação humana; Educação inter-étnica e humanização.

Introdução

Paulo Freire, como autor de uma Teoria da Educação, reconhecida como capaz de estimular reflexões geradoras de ações que proporcionam, pela educação, movimentos capazes de atuar como posturas que interagem com ações de emancipação humana para nelas identificar meios que possibilitem vitalização do que gera e mantém a vida com dignidade. Essa proposta se caracteriza como sendo um processo afinado com ações existentes de emancipação e não para emancipação, pelo fato de Freire dizer que aprendemos a nos humanizar com os movimentos que humanizam e não podemos, como desunizados/desumanizantes, gerar postura humanizadora, uma vez que o opressor em seu mister de oprimir, por ser incapaz de se libertar, é incapaz de libertar mais alguém. O de é transitivo, isto é, possibilita ir de um ponto a outro e o para é imperativo e impositivo, carregando portanto um posição de superioridade e por isso de dominação .

Assim, esse texto traz uma síntese da proposta educacional de Paulo Freire ao aponta sete aspectos nominados como Princípios Essenciais da Emancipação e Humanização. Nessa nomeação foi adotada a palavra Princípios pelo fato desses sete itens, representarem, sob a ótica desse autor no tempo e espaço em que realizou a pesquisa que fundamentou essa posição, aspectos pelos quais o educador, que pretende atuar a favor da emancipação humana e pela revitalização da humanidade roubada em processos de opressão, não poder abrir mão.

Princípios são aspectos inegociáveis e Essenciais por que trazem a essência, ou a alma que caracteriza o pensamento freiriano, conforme já foi dito, no tempo e no espaço da pesquisa que alcançou esse resultado.

A pesquisa que deu origem a esse texto foi realizada como estágio Pós-Doutoral junto ao grupo de Pesquisa PAIDEIA da Universidade Estadual de Campinas UNICAMP e atualmente se constitui como peça importante na pesquisa Planejamento Pedagógico-Didático e Formação Intercultural de Professores para a Revitalização da Língua e da Cultura Laklãnõ nas Escolas Indígenas Laklãnõ e Bugio em Santa Catarina, desenvolvida junto ao Grupo de Pesquisa Filosofia e Educação EDUCOGITANS, que atua com o programa de Mestrado em Educação da Universidade Regional de Blumenau FURB, com financiamento da CAPES por meio do Programa Educação Escolar Indígena.

O resultado alcançado está publicado pela editora PACO Editorial com o título Educação da Insurreição para a Emancipação Humana: Ontologia e Educação em George Luckács e Paulo Freire e nela, entre outros pontos, se debateu a natureza humanizadora da proposta pedagógica de Paulo Freire que se apresentam de forma sintética em sete itens representados pela dimensão: política, plural/coletiva, histórica, cultural, horizontal, identitária e ética, os quais estão descritos a seguir, com o propósito de contribuir para planejamentos educacionais voltados para a questão inter-étnica, com foco na emancipação humana e na revitalização da humanidade roubada e vilipendiada pelos processos opressores a que estamos sujeitos e que também desencadeamos.

Assim esses sete aspectos se caracterizam como princípios essenciais da organização educacional para a humanização, sem porém esgotar as possibilidades de novos princípios serem enunciados e organizados. Assim os sete aspectos destacados a seguir, se mostram como pontos inegociáveis quando se trata de pensar educação numa perspectiva freiriana para promover humanização com foco na autonomia e na libertação com base na ontologia.

1 A Educação da Emancipação e Humanização é Política.

É política pois envolve forças e poderes que interagem com a natureza dos participantes do processo enquanto seres (ontologia) e com a dimensão de se apresentar como processo histórico-social que considera os participantes do processo como pessoas (cosmovisão).

Esse princípio mostra que as diferentes formas com que as forças e os poderes se manifestam utilizam diversas maneiras de comunicação, pois isso diferencia os humanos dos

demais animais que “*não ‘ad-miram’ o mundo. Os homens, pelo contrário, como seres consciêntes do que fazer, ‘emergem’ dele e objetivando-o podem conhecê-lo e transformá-lo com seu trabalho*” (FREIRE, 1978 p.145). Assim, por meio da comunicação os humanos tanto podem dominar quanto libertar.

Ainda com relação ao princípio de que a educação é efetivamente um processo político cabe destacar de Freire que “*para dominar, o opressor não tem outro caminho senão negar às massas populares, a praxis verdadeira. Negar-lhes o direito de dizer sua palavra, de pensar certo*” (1998 p.147). Essa citação mostra como o opressor organiza sua dominação ao prescrever sua vontade por meio das palavras que permite serem enunciadas, da mesma forma que grande parte das atividades escolares, as quais, de forma ‘bancária’, promovem os estudantes à condição de meros receptáculos de palavras e pensamentos prontos para serem repassados e repetidos.

Nessa perspectiva, como as relações sociais são de natureza política por que envolvem forças e poderes,

Freire adverte-nos para a necessidade de assumirmos uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização. Para tal o saber-fazer da auto reflexão crítica e o saber-ser da sabedoria, exercitados permanentemente, podem nos ajudar a fazer a necessária leitura crítica das verdadeiras causas da degradação humana e da razão de ser do discurso fatalista da globalização.

Nesse contexto em que o ideário neoliberal incorpora, dentre outras, a categoria da autonomia, é preciso também atentar para a força de seu discurso ideológico e para as inversões que pode operar no pensamento e na prática pedagógica ao estimular a competitividade. (Ibid. p. 7).

Nesse princípio, Freire denuncia a postura dominadora desencadeada pelo que denomina, como teoria anti-dialógica, ou seja, uma teoria que explica como é que o dominador se apropria dos meios de comunicação para alienar e naturalizar para melhor dominar e submeter e se manter no poder. De acordo com essa posição o poderoso dá ao dominado a ilusão, de que sua fala reflete uma reação com a qual conseguiria promover as mudanças sonhadas.

Para referendar essa posição se destaca de Freire que “*numa sociedade de classes não há diálogo, há apenas um pseudodiálogo, utopia romântica quando parte do oprimido e ardil astuto quando parte do opressor. Numa sociedade dividida em classes antagônicas não há condições para uma pedagogia dialogal*” (1983 p.12). Essa citação mostra o desafio para uma educação que pretenda ser configurada como insurrecional, num contexto dominado pela “*malvadeza neoliberal*”.

2 A Educação da Emancipação e Humanização é Plural/Coletiva

É de natureza plural/coletiva a educação da humanização, que se refere na autonomia e na ontologia na medida em que os grupos envolvidos no processo, se caracterizam como o locus em torno do qual, cada pessoa organiza a compreensão das tensões em torno das quais se estabelece a dimensão particular e coletiva de interação.

Esse princípio parte de um ponto relevante que é a identificação de que uma interação equilibrada ocorre à medida em que as tensões que atuam sobre o corpo, sejam equivalentes. Equilíbrio e harmonia de acordo com essa premissa dependem totalmente das tensões, e assim, tanto equilíbrio quanto harmonia se caracterizam como decorrência política.

Dessa forma podemos dizer que tanto a harmonia quanto o equilíbrio estão subordinados à consciência das diferentes forças e poderes que atuam sobre todas as ações e interações humanas. Nessas forças, devemos ter claro que as pessoas devem debater entre outros aspectos, o fato da sociedade ser dividida em classes e por isso, os valores têm diferentes formas com as quais são interpretados. Nesse sentido Freire ressalta que um objetivo da conscientização é o de possibilitar que o

homem, aprofundando-se na realidade, conhecendo-a criticamente, assumindo consciência crítica da mesma, se empenha em tornar mais humana esta realidade na qual e com a qual ele vive através de seus atos. A conscientização se torna, assim, o dado basilar na transformação do homem e do mundo, na libertação do oprimido e na destruição da opressão. Por ela o homem e o mundo se tornarão mais humanos: o mundo será, realmente, o mundo; o lugar de encontro dos homens (JORGE, 1979, p. 55).

Essa posição inerente à ideologia de Freire, segundo a qual as forças e os poderes se revestem de significado, na medida em que as pessoas tenham conhecimento e consciência deles, faz com que a libertação, passe a se mostrar como alternativa possível e viável no coletivo e plural, que constitui a sociedade e o contexto civilizatório no qual vivemos e interagimos. Nesta perspectiva fica claro que a prática educativa é um ato político e que a curiosidade não é neutra.

3 A Educação da Emancipação e Humanização é Histórica

É de natureza histórica todo processo educacional escolar e não escolar que organiza suas ações e programas a partir de dinâmicas históricas, que se apresentam como construção social e como necessidades, que se apresentam como determinações da natureza biológica, ambiental e planetária, lidando com a relação de espaço e tempo, rompendo a dimensão de

linearidade como no Cronos, para assumir a relação espaço e tempo na perspectiva da diversidade e da complexidade própria do Kairós.

Esse princípio se integra aos anteriores na medida em que, a educação como ação e organização política, coletiva e grupal, se constrói com base em sua historicidade, entendida na perspectiva freiriana como “tempo de possibilidades e não de determinismo, que o futuro, permita-se-me reiterar, é problemático e não inexorável” (FREIRE, 1998,p.21). Essas palavras de Freire mostram um dado fundamental para a compreensão de seu pensamento e por isso é referencial, pois a história se caracteriza, como o que ocorre entre outros aspectos, como algo novo e surpreendente que não está estabelecido e que não é determinado de forma definitiva e imutável. Por isso, a história, ao relatar o que já aconteceu, alerta para o inédito que surge a cada momento.

Assim, a percepção da vida como processo histórico pode ser um contraponto aos meios com os quais a sociedade opressora se mostra como altamente prescritiva e determinista e por isso as pessoas a ela subordinada, se aceitam e aceitam o entorno como lhes é anunciado. É na construção e organização social que se dá a dominação e a reprodução das forças opressoras e é na sociedade que o processo educacional encontra seu foco, como o seu o que fazer, e os seus conteúdos e processos que podem ser reprodutores ou insurrecionais. Assim,

de um lado, a compreensão mecanicista da História, que reduz a consciência a puro reflexo da materialidade, e de outro, o subjetivismo idealista, que hipertrofia o papel da consciência no acontecer histórico. Nem somos, mulheres e homens, seres simplesmente determinados nem tampouco livres de condicionamentos genéticos, culturais, sociais, históricos, de classe, de gênero, que nos marcam e a que nos achamos referidos (Ibid. p. 61).

Dessa forma o discurso prescritivo é opressor na medida em que tem tentáculos em todas as dimensões da sociedade e da vida das pessoas, sendo muito habilidoso e capaz de promover posições, que pelo impacto e força expressiva se consolidam. Freire declarou que prefere dizer que não tem um método, por que no início e durante toda a sua carreira, foi motivado a escrever, pensar e elaborar suas posições movido pela curiosidade e pelo compromisso e responsabilidade política, e não pelo rigor necessário de um método que prescreve e limita. Assim, a curiosidade não é neutra nem gratuita. Ela, a curiosidade é uma prática política.

Essa posição mostra que um método não é capaz de gerar a mobilidade histórica, pois se restringe a um processo que pode se mostrar como agente de procedimentos rígidos e

hegemônicos, apesar de poder também se mostrar flexível sem se deixar levar por argumentos e posições infundadas e não defensáveis, mas coerente com posições consideradas relevantes e válidas pelo grupo.

Portanto, um método na perspectiva da historicidade, pode tanto ser gerador de conhecimentos engessados pelo discurso e ideologia do opressor, como pode ser gerador de formas pelas quais os grupos encontrem meios para superar a opressão e promover dinâmica de natureza voltada para a libertação.

4 A Educação da Emancipação e Humanização é Cultural

É de natureza cultural na medida em que soma aos três aspectos já descritos, ou seja, a educação é processo político, coletivo, histórico e cultural na medida em que se pauta na leitura e recriação do mundo. Leitura e releitura em que a criticidade supera a ingenuidade, e por meio da cultura como humanização da natureza é possível aos humanos que se envolvam de forma crítica e coerente em processo que transforma a consciência ingênua em consciência crítica.

A cultura como o conjunto de experiências acumuladas pelos humanos decorrentes de suas intervenções em todas as estruturas e componentes dos ambientes naturais e sociais configura-se como processo mutante e se efetiva como intervenção do homem sobre o mundo, caracterizando-se tanto como conjunto de experiências acumuladas como matriz da história. Nesse sentido Freire se refere à cultura como sendo algo que *“é enquanto está sendo. Só permanece porque muda. Ou, talvez dizendo melhor, a cultura só ‘dura’ no jogo contraditório da permanência e da mudança”* (1992, p.56).

A cultura é, também no contexto da educação e em particular na educação como insurreição, um meio e uma possibilidade de intervenção como agente facilitador e viabilizador de aspectos importantes para a vida humana, e nesse sentido Freire destaca

o sentido da mediação que tem a natureza para as relações e comunicações dos homens. A cultura como o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. A cultura como o resultado de seu trabalho. Do seu esforço criador e recriador. Como uma incorporação, por isso crítica e criadora (1979 p. 116-117).

Assim, a cultura se apresenta como leitura da realidade que instiga e inspira a leitura e a escrita das palavras, dos textos, das teses, dos livros e das obras de arte. É a condição de conduzir o processo educacional interagindo diretamente com o processo civilizatório constituído por três sistemas culturais: Associativo de caráter social, Produtivo de conotação

prática e Simbólico de conotação de representação (religião, ciência, mitos). Dessa forma a cultura tanto se faz presente na prática reflexiva e social, criativa e produtiva quanto na representação transcendente, mística, mítica e criativa, estando presente em todas as dimensões da vida humana, conforme Romão (2007).

A cultura se expressa como um ponto referencial fundamental na história e no cotidiano de cada pessoa e por isso ela se caracteriza como algo representativo de diferentes segmentos da sociedade e do cotidiano da vida humana. Nesse contexto, a dinâmica educativa incorpora a perspectiva cultural como algo multifacetado que varia de acordo com as pessoas que estiverem interagindo com o processo.

No contexto da cultura como princípio essencial da proposta educativa de Paulo Freire, cabe destaque para a relação da cultura, como manifestação de diferentes classes sociais, as quais, no contexto do processo educacional, fazem emergir e impõem uma realidade que se apresenta como histórica.

A dimensão política se caracteriza dessa forma conforme Lukács, como um meio, pois o que provoca a mudança é a cultura, de acordo com Netto (1983 p.32). E nessa perspectiva implica o reconhecimento da curiosidade a qual apesar de desarmada, conforme Vieira Pinto, *“provoca ou produz um tipo de conhecimento que chamamos conhecimento do senso comum, desprestigiado por alunos e intelectuais, para mim elitistas, não importa que se digam progressistas”* (MORAIS, 2009,p.200), mas que é fundamental para constituir a cultura que é por onde a natureza é superada e as mudanças ocorrem.

Essa citação tem relevância pelo fato de ser no cotidiano da vida de cada um que se manifesta a consciência dos poderes e forças que constituem cada pessoa como ser político. Atentar para o senso comum é então assumir o conhecimento do povo e da classe trabalhadora e explorada. É no senso comum que se pode identificar as ideologias inculcadas na mente das pessoas que as constitui como massa alienada e naturalizada. Negar esse conhecimento se constitui, segundo Vieira Pinto, citado por Moraes, em postura *“ideologicamente elitista, autoritária e reacionária”* (Ibid. p. 200).

A curiosidade inerente ao senso comum pode ser chamada de curiosidade ingênua e a curiosidade apoiada na teoria e em pressupostos filosóficos pode ser classificada como curiosidade crítica, ou epistemológica. É tarefa da universidade e da educação em todos os níveis, estimular a curiosidade epistemológica, sem negar o que se constitui como conhecimento do senso comum. As práticas autoritárias são contra a curiosidade epistemológica gerada por meio do exercício da curiosidade, e nesse sentido, ainda da correspondência de Paulo Freire para Clodomir Moraes, se destaca de Freire que *“não tenho*

medo que os alunos perguntem o que bem entenderem, porque de antemão sei que digo que não sei, e ainda mais, não tenho medo de dizer não sei, porque tenho conhecimento para provar que O não sei é correto. Não sabendo tenho a oportunidade de vir a saber. Meu problema não é a coragem física, mas a coragem ética, coragem científica e filosófica” (Ibid. p.200).

Esses argumentos nos encorajam a debater a possibilidade da educação se caracterizar como agente de rupturas por meio das quais a educação escolar e não escolar institucionalizada e mantida pelos detentores do capital, seja desafiada. Essa interação de caráter inter-étnico, mira a ideologia da alienação e da naturalização, que se faz presente na medida em que hábeis dinâmicas alienadoras são acionadas e utilizadas por meio de aparatos da mídia e das instituições educacionais.

5 A Educação da Emancipação e Humanização é Horizontal

É de natureza HORIZONTAL pelo fato de que as relações de poder que caracterizam a dimensão política, a consciência da importância dos processos coletivos, a clareza da historicidade como reveladora do acontecido e iluminadora do vir a ser, bem como a capacidade de perceber a cultura como agente do fazer humano, remete à forma como se dá esse fazer humano, que se caracteriza pela horizontalidade das ações humanas, a favor de sua emancipação e superação do que escraviza e gera marginalização e miséria. Cabe destacar que horizontalidade representa um mesmo plano de articulação e não uma perspectiva de linearidade.

Partindo desses pressupostos cabe destacar que esse princípio no processo educacional desenvolvido nas instituições escolares, em sua grande maioria, é traído pelo fato dessas instituições se prenderem mais aos planejamentos e ao atendimento ao que está posto pela organização institucional e pela legislação, do que à formação humana, fazendo com que nela sempre se desenvolva educação como processo em que predomina a verticalidade hierarquizada e gestonária, portanto, predomina a linearidade.

Num processo educacional, diferente do que ocorre na Educação Bancária, predomina a horizontalidade na medida em que as relações são de parceria e de colaboração e reciprocidade. A horizontalidade predomina em circunstância na qual somente ensina quem se dispõe a aprender. No sistema horizontal, igualdade não é uniformidade, mas respeito e valorização das diferenças. Na horizontalidade o processo educativo reúne pessoas diferentes, com diferentes graus de conhecimentos e diferentes tipos de conhecimentos, que não se submetem, por esses atributos, a hierarquia pré-estabelecida.

Essa proposta de educação com foco na humanização tem na horizontalização a perspectiva de promover referencial que faça frente à tradição verticalizadora, que se ampara nas hierarquias representadas pelas estruturas curriculares e organizacionais das instituições de ensino. A horizontalização não se propõe à supressão da organização, dos planejamentos ou mesmo da hierarquia, mas se coloca de tal forma que a organização institucional, os currículos e a hierarquia se coloquem a serviço da humanização e não os humanos se sujeitem a ficar a serviço desses preceitos. Ela pressupõe a responsabilização como algo maior que o compromisso, pelo fato da responsabilidade ser atributo restrito a cada pessoa, e o compromisso tem sempre o respaldo de alguém, de uma idéia ou mesmo de uma instituição.

A horizontalização na educação pressupõe parceria, cuidado e reciprocidade, o que não deprecia a importância da organização e das hierarquias inerentes às instituições, mas não permite que, de forma alguma, os conteúdos e os processos de relação interpessoal, sejam organizados de forma que predomine a verticalidade que certamente está a serviço das forças e poderes determinantes das condições que promovem as exclusões no contexto civilizatório vigente. Nesse sentido Freire se manifesta dizendo que

o discurso da globalização astutamente oculta ou nela busca penumbrar a reedição intensificada ao máximo, mesmo que modificada, de medonha malvadez com que o capitalismo aparece na História. O discurso ideológico da globalização procura disfarçar que ela vem robustecendo a riqueza de uns poucos e verticalizando a pobreza e a miséria de milhões. O sistema capitalista alcança no neoliberalismo globalizante o máximo de eficácia de sua malvadez intrínseca (1998, p. 80).

O vigor dessa referência ressalta a crítica de Freire ao que, no contexto civilizatório se mostra como a máxima regra de verticalização da sociedade, ou seja, a lucratividade e as garantias que são possíveis apenas num processo vertical que tem forma piramidal, na qual a grande maioria atua como base de apoio para a ascensão de uma minoria egoísta e arrogante.

Dessa forma, o processo educacional que se mostra afinado com a perspectiva da horizontalidade como agente de propagação e de difusão de postura humanizadora, que tem a vida como processo de responsabilidade coletiva, é transformador da consciência ingênua em consciência crítica na medida em que um apóia o outro em suas fortalezas, da mesma forma que ampara e cuida em suas fragilidades, constituindo-se como um grupo que reage e dessa forma, enfrenta o poder estabelecido.

Ainda no contexto de um processo educacional focado numa perspectiva de humanização voltada para a libertação e a emancipação, a horizontalidade contribui para promover a superação da curiosidade ingênua pela curiosidade epistemológica e filosófica,

que constitui meios para a criticidade e para a emancipação humana. Nesse sentido Freire propõe para a educação uma postura de mudança na qual

Ensinar e aprender tem que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. Isso não tem nada que ver com a transferência de conteúdo e fala da dificuldade, mas, ao mesmo tempo, da boniteza da docência e da discência. (1998, p. 74)

Dessa forma o processo insurrecional da educação tem na horizontalidade mais um desafio que é de mediar a relação teoria e prática, colocando esses dois aspectos num mesmo plano, ou seja, a teoria e a prática não podem ser colocados de forma hierárquica de tal forma que primeiro venha um e depois venha o seguinte, mas devem ser entendidos como processos concomitantes em que um anima e instiga o outro de maneira, que é na ação que se desvela a necessidade da teoria que fundamentou a prática reveladora. Nessa perspectiva teoria e prática interagem na Praxis, de tal forma que a prática sem teoria é cega, mas a prática com teoria responsabiliza.

6 A Educação da Emancipação e Humanização é Identitária

É de natureza identitária na medida em que tem a culturalidade e a ancestralidade como referencial fundamental para chegar à perspectiva de ontologia defendida por Freire colocando a identidade ontológica como o sexto princípio para a humanização, e não poderia ser outra a posição em que esse princípio se situa, uma vez que a ontologia é o estudo do ser como agente de interação e intervenção planetária com base nas forças e poderes, portanto política nas interações, coletiva nas relações referendadas pelo tempo e história, na ruptura da verticalidade reinante no contexto civilizatório vigente.

Dessa forma Paulo Freire caracteriza a perspectiva ontológica dos seres humanos como sendo eles incompletos, inconclusos e inacabados, mas com radical vocação para Ser Mais. Incompletos, pois sempre podem acrescentar algo ao que já são, inconclusos, pois têm capacidade para superar o que lhes falta e afeta, e inacabados porque procuram e desejam se superar.

Freire esclarece ainda que o inacabamento, a incompletude e a inconclusão do ser são próprios da experiência vital ao considerar que, onde há vida, há permanente processo de mudanças, e destaca que *“só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente.”* (Ibid. p. 29) e mais adiante Freire complementa que *“minha franquia ante os outros e o*

mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento”.

Com essa posição chegamos ao ponto de a educação como processo inter-étnico dever partir da posição de que o humano é capaz e sempre busca Ser Mais e que por isso, se contrapõe à Educação Bancária, pois esta, por seus meios de opressão e nivelamento verticalizado, desconsidera a condição ontológica dos humanos, além de silenciá-los e amordaçá-los.

Assim, a ontologia se referenda e se gesta socialmente na História, e Freire assim se refere a esse aspecto:

É uma natureza em processo de estar sendo com algumas conotações fundamentais sem as quais não teria sido possível reconhecer a própria presença humana no mundo como algo original e singular. Quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um "não-eu" se reconhece como "si própria". Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha, constata, compara, avalia, valora, decide, rompe. ... e se impõe a responsabilidade (1998 p. 9).

Freire, com essa citação, sintetiza de certa forma os atributos para viabilizar educação inter-étnica, na medida em que mostra que a educação somente tem sentido se realizada por humanos responsabilizados com sua condição de atuar a favor da vida com criatividade e respeito condicionado à ética. Essa condição para ser alcançada considera que o processo educacional não é silencioso, pois estimula a emissão de palavras que descrevem a realidade, denunciam as opressões e enunciam problemas que voltam com novas palavras, anunciando mudanças no mundo e provocando novos enunciados.

7 A Educação da Emancipação e Humanização é Ética

É de natureza ÉTICA ao referir a educação com base nos seis princípios essenciais já citados para uma organização social na qual a humanização se mostra como princípio que se considera como a culminância dos atributos para viabilizar insurreição humanizadora por meio da educação. Trata-se da ética e da condição das ações insurrecionais na perspectiva do Inédito Viável.

Ética considerada como a radicalidade a favor da vida, que se diferencia de moral, que se caracteriza como a radicalidade a favor da sociedade com seus contratos e compromissos institucionalizados e instituintes. Ética como posição de enfrentamento ao que promove

exclusão, marginalização e miséria, e ética como afirmação do que vem a ser próprio da humanidade, para a humanidade e que se responsabiliza pela humanidade no contexto da vida planetária. Assim, a ética somente é possível, se bem estar, fartura e integridade forem atributos possíveis e disponíveis a todos os humanos como destacam os princípios Eco-Vitais.

Nessas circunstâncias tão radicais, por estarem em busca e focadas no radix, o processo educacional supera as situações limites, promovendo e agindo de acordo com o inédito viável, que se mostra como possibilidade para a superação do que o desafia. Inédito viável pelo fato de ser algo diferente, novo e inusitado, mas capaz de ser realizado por estar amparado no desejo, na vontade e decisão coletiva visando a autonomia e a libertação como de educação inter-étnica.

A ética a que nos referimos como foco da Educação é uma ética subjetiva e subliminar a qual se confronta com o discurso da globalização que fala de uma outra ética, a qual se refere a uma organização normatizada que se caracteriza mais como moral, pois defende princípios e normas para garantir sua manutenção enquanto instituição que normatiza os recursos e meios que garantam a sua própria auto manutenção e auto sustentação. Segundo Freire essa

é a ética do mercado e não a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente se optarmos, na verdade, por um mundo de gente” por isso “tenho o direito de ter raiva, de manifestá-la, de tê-la como motivação para minha briga tal qual tenho o direito de amar, de expressar meu amor ao mundo, de tê-lo como motivação de minha briga porque, histórico, vivo a História como tempo de possibilidade e não de determinação (1998, p. 45).

A ética, por ser radicalmente humana a favor da vida em todas as suas manifestações, não se coaduna com a lógica materialista, com a lógica mercadológica e com a lógica de uma sociedade dividida em diferentes classes, dessa forma pode-se dizer que a ética inexiste no contexto civilizatório vigente que se apoia no

discurso da globalização que fala da ética, mas esconde, porém, que a sua é a ética do mercado e não a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente se optarmos, na verdade, por um mundo de gente. O discurso da globalização astutamente oculta ou nela busca penumbrar a reedição intensificada ao máximo, mesmo que modificada, de medonha malvadez com que o capitalismo aparece na História. O discurso ideológico da globalização procura disfarçar que ela vem robustecendo a riqueza de uns poucos e verticalizando a pobreza e a miséria de milhões..(FREIRE 1998 p:80)

Freire anuncia com essa posição clara e indiscutível que a solidariedade como reciprocidade enquanto responsabilidade social e planetária, como compromisso histórico de

homens e mulheres, se caracteriza como processo de luta capaz de promover e instaurar o que ele denomina como a "ética universal do ser humano".

Considerações Finalizadoras

Dessa forma o processo educacional apoiado nesse conjunto de princípios nos faz sujeito do projeto de vida tanto individual como coletivo, e por isso essa dinâmica complexa, mutante e imprevisível, que segundo Paulo Freire, se mostra incompleta, inconclusa e inacabada, se apresenta como processo que desconsidera a perspectiva de racionalidade e calculabilidade que impera no contexto civilizatório vigente.

A educação implica em mudanças na raiz, por isso uma das ações nesse sentido a favor da humanização é a superação da mentalidade de que todas as soluções podem ser decorrentes da racionalidade e da calculabilidade. A humanização pautada na interação entre sentimento e sensibilização que geram e promovem vida, se mostra diferente da racionalidade pautada em sentido e significado. Essa posição foi descrita nas atividades de estudo e pesquisa referente à compreensão da dimensão semântica do povo Xokleng/Laklãnõ que vive na Terra Indígena Laklãnõ em Santa Catarina, Brasil.

Assim, ao superar as divergências, assumindo-as e organizando-as como reais, superamos o que gera mal estar. Pois esse debate não se refere à eliminação das diferenças ou dos diferentes, pois aí estaríamos negando a alteridade, mas o inédito viável se dá na medida em que os contrários convivem e interagem numa dialética geradora de sentimento e significado, no qual a opressão cede lugar para a vida com reciprocidade e dignidade.

Dessa forma, ao acatar esse desafio, considerando os sete passos destacados e debatidos anteriormente se constitui mais um foco para ser adotado como referencial para o desenvolvimento da Educação Inter-Étnica. É interessante que nesse embate a classe opressora, apesar de se representar com uma imagem de força e domínio dos conhecimentos e capacidade criativa, se mostra como algo em processo de declínio e de decadência, mas apesar disso, continua poderosa e a classe oprimida, mantida como classe que luta e se fortalece na construção de alternativas de superação, segundo Freire que contesta essa posição dominadora, ao dizer que o oprimido é que é capaz de gerar cultura e movimento de libertação e autonomia.

Essas contradições mostram o desafio que se tem ao se buscar formas de reação e de mudança e esse desafio se reveste de inúmeras possibilidades de reflexão, como por exemplo, ao se debater a imagem de representação que os oprimidos fazem de si mesmos, que é

diferente da representação que os opressores também fazem de si. São representações contrárias e desafiadoras, que de certa forma contrariam o ditado popular, que diz que: quem bate esquece que bateu, mas quem apanha não esquece que apanhou. Essa é uma possibilidade de organização da insurreição, que poderá ocorrer se os oprimidos assumirem que estão apanhando ao invés de se conformarem de que esse é seu destino e sua missão de existência. É fundamental que pela criticidade percebem e denunciem que são vitimados por uma conjuntura na qual as vicissitudes são justificadas como algo natural, prescrito, determinado e esperado.

Na medida em que essa postura passar a ser a postura assumida pelos oprimidos, a sociedade poderá ter certeza de estar sintonizada em processo de libertação, que não se caracteriza como algo revanchista, mas reação conforme preconiza Freire, de que a superação da opressão, não se dá por meio da mudança de papéis, mas se dá com mudança na raiz da sociedade e nesse sentido, é que se desenvolveu esse texto com a expectativa de fortalecer posturas educativas inter-étnicas, geradoras de libertação e autonomia, na qual é tarefa a insurreição se pauta dessa forma na construção de outra ordem e outra forma para lidar, do oprimido, que ao se libertar, liberta o opressor do modelo de opressor com o qual sempre se manteve e dele usufruiu de vantagens e privilégios.

Assim, o planejamento educacional estabelece critérios que viabilizam relações que buscam a consolidação de equivalência, com caráter dinâmico e mutante, considerando que os agentes que dela participam, não se caracterizam como escolha de quem planeja, mas são decorrentes do conjunto de pessoas que integram o sistema, cada qual com suas particularidades geradoras de relações contrárias, diferentes ou semelhantes. Esse conjunto se mostra constituído por diferentes forças que atuam concomitantemente no processo docente-discente. Essa multiplicidade de possibilidades como num sistema complexo, se configura com dinâmica eco-desorganizativa/organizativa, que permeia a todo o tempo diferentes tensões que mantêm a integridade do sistema.

Dessa forma, na dinâmica da calculabilidade, previsibilidade e prescrição que constitui princípios essenciais do modelo civilizatório vigente, apoiado na multiplicação e na subtração individualista e não na divisão e na soma coletiva, não existe espaço para o afloramento e o desenvolvimento do humano, daí a urgência da insurreição, para uma postura inter-étnica de superação.

Essa aritmética da superação está estampada no quadro que encimava o barracão de estudos, onde, em 1968, trabalhadores da Rede Ferroviária de São Paulo, foram agredidos e assassinados pelos militares a serviço da elite militar e econômica que desfechou o golpe anti-

democrático de 1964, no qual está estampado que:

DEVEMOS SOMAR OS HOMENS
DIMINUIR AS DIFERENÇAS
MULTIPLICAR AS IDEIAS
E DIVIDIR OS LUCROS.

Referências

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- _____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- _____. **Cartas à Guiné-Bissau**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- JORGE, J. Simões. **A Ideologia de Paulo Freire**. São Paulo: Loyola, 1979
- KEIM, Ernesto Jacob. **As pessoas em condições de vulnerabilidade e a Ecopedagogia** in SOUZA, Osmar de e LAMAR, Adolfo Ramos. **Educação em Perspectiva**. Florianópolis, Insular 2008.
- _____. **Educação da Insurreição: Georg Luckács e Paulo Freire e a emancipação humana**. Jundiaí SP: Paco Editorial, 2011.
- LUKÁCS, Georg. **Historia e Consciência de Classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **Ontologia do Ser Social: Os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- MORAIS, Clodomir dos Santos. **Cenários da Libertação: Paulo Freire na Prisão, no exílio e na Universidade**. Porto Velho: EDUFRO, 2007.
- NUNES, César. **Educar para a emancipação**. Fpolis, SC: Sophos, 2003.
- PINTO, Alvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Autores Associados, 1982.
- ROMÃO, José Eustáquio. **Pedagogia dialógica**. São Paulo: Cortez, 2002.